



COMPREENSÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

VIECILI, Gladis Brendler¹;

Resumo: Esta pesquisa objetiva expor diferentes concepções sobre atos de ler e escrever. A partir do diálogo com autores como Paulo Freire, Lev S. Vigotski, Emília Ferreiro, Magda Soares, Luiz Carlos Cagliari, principalmente, fomos adentrando o universo da alfabetização. Este universo se mostrou complexo, o que nos levou a escolher algumas das várias perspectivas educacionais então representadas para fazerem parte da “roda do diálogo” construída. Por isso, abordamos a perspectiva freireana, a vigotskiana e a proposta alfabetizar/letrando, tendo o texto como elemento presente desde o início do processo de alfabetização. A opção metodológica recaiu sobre a pesquisa bibliográfica, mediante problematização possibilitada pelas vivências da pesquisadora educadora, em dois momentos de sua prática profissional – uma como alfabetizadora de jovens e adultos e outra como alfabetizadora de crianças. Alguns itens fundamentais - leitura e escrita como práticas culturais, a educação uma dimensão da cultura e da política, texto/contexto, letramento, processos de ensino e aprendizagem - levaram a presumir que a proposta Alfabetizar Letrando é a que mais proporciona elementos para a continuidade do processo de alfabetização, demonstrando que o sujeito que aprendeu a ler e a escrever conquistou um direito que lhe permite ampliar seus conhecimentos, ou seja, dar seguimento ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita, rumo à pós-alfabetização.

Palavras - chaves: Alfabetização, letramento, cultura, texto/contexto.

Abstract: This research aims to expose different views on acts of reading and writing. Starting primarily from dialogs amid authors such as Lev S. Vigotski, Paulo Freire, Emília Ferreiro, Magda Soares, Luiz Carlos Cagliari, we have entered the universe of literacy. This universe has shown itself to be complex, which led us to choose some of the many educational perspectives then represented to be part of the “dialog circle” which has been built. Therefore, we approach the Freire and Vigotski perspectives and the teaching the ABCs/teaching by lettering proposal, having the text as present element since early learning. The methodological option has been chosen over the bibliographical research, for it refers to the researcher experiences as an educator twice in her career: first, as an adult educator; second, as a children’s teacher. Some essential items such as reading and writing as cultural practices, education as a dimension of politics and culture, text/context, lettering, teaching and learning processes have all led us to assume the teaching the ABCs/teaching by lettering proposal is the one that most provides the elements for the continuity of the literacy process, demonstrating that the subject that has learned to read and write won a right that allows him to expand his knowledge, that is, continue with the process of learning reading and writing, towards post-literacy.

Key words: Literacy, lettering, culture, text/context.

¹Professora da Rede Municipal de Ijuí. Formada em Pedagogia na Unijuí. gladisviecili@gmail.com



Introdução

Iniciei o curso de Pedagogia e logo aceitei o convite para assumir uma turma de alfabetização de adultos, no município de Ijuí. A partir desse momento, muitas questões surgiram sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita: Como o ser humano aprende a ler e a escrever? O que mudou nas discussões teóricas e pedagógicas sobre a alfabetização com a entrada do termo letramento? Quais associações podem ser feitas entre essas mudanças e o legado do educador Paulo Freire? A leitura de mundo precede a leitura da palavra no processo de ensino e aprendizagem da escrita? Qual o papel do educador nesse processo de alfabetização como leitura de mundo precedendo a leitura da palavra? Alfabetizar e letrar são processos distintos? O que distingue a alfabetização do letramento? Como podemos alfabetizar letrando? Qual o lugar que o texto ocupa na alfabetização? Essas são algumas questões que despertaram e intensificaram minha curiosidade, sobre o assunto, impulsionando-me a estudar e a pesquisar sobre os temas alfabetização e letramento com o objetivo de conhecer e compreender esse processo de aquisição da leitura e da escrita.

Desse modo, posso dizer que foi a partir da necessidade de responder a questões surgidas no cotidiano escolar que “tomei consciência” de minha condição de “ser inconcluso”, com capacidade de refletir auxiliada pela teoria já disponível, de ressignificar o meu saber para encontrar formas de reconstruir minha prática educativa. “É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada a capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis” (FREIRE, 1983, p.17).

Sendo assim, passei a ser desafiada a constituir as produções de vários educadores e pesquisadores, como objeto de minhas reflexões pessoais e, assim, analisar meu próprio agir pedagógico, de modo que possa começar a reinventar a alfabetização, na prática. “A reinvenção exige a compreensão histórica, cultural, política, social e econômica da prática e das propostas a serem reinventadas (FREIRE, 2006, p. 81), ou seja, eu preciso conhecer a teoria, os estudos que já existem sobre a alfabetização e o letramento, para que subsidiem a reformulação, com coerência, de minha “práxis educativa”. Nas palavras de Paulo Freire (2006, p. 83), “diminuir a distância entre discurso e a prática é o que denomino coerência”.

Nessa perspectiva é que desenvolvi este texto intitulado **Compreensões**



sobre a alfabetização, buscando ter acesso a estudos de várias áreas do conhecimento desenvolvidas por diferentes autores, como Paulo Freire e Lev Vigotski, por exemplo, e outros autores contemporâneos e atuais, no intuito de encontrar respostas a inquietações, dúvidas, ideias, experiências e novas interrogações sobre as diferentes concepções dos atos de ler e aprender.

Assim, a proposta principal é compreender o que vem sendo historicamente produzido por estudiosos da educação sobre a alfabetização e o letramento, para identificar elementos que poderão contribuir para o processo escolar de aprendizagem da leitura e da escrita de crianças e de adultos.

A alternativa metodológica escolhida foi a pesquisa teórica, animada por análises e sínteses desencadeadas por observações realizadas e questões surgidas no exercício da prática pedagógica junto às turmas de alfabetizando adultos e enquanto professora alfabetizadora de crianças em escolas públicas do Município de Ijuí.

Reconheço ser esta uma proposta metodológica pouco usual no campo da educação, pois definiu como ponto de partida a leitura de minha prática como um texto, exposto sob a forma de perguntas, problematizando-a e mantendo-a como ancoragem para a pesquisa bibliográfica que para o texto trouxe as falas dos autores com quem decidi dialogar.

Nesse sentido, “abri a roda do diálogo de compreensões”, convidando inicialmente os autores Lev Vigotski, Paulo Freire e, a seguir, autores contemporâneos como Emília Ferreiro, Magda Soares, Marlene Carvalho, Luiz Carlos Cagliari, Délia Lerner, entre outros pesquisadores e educadores, para se fazerem presentes com suas contribuições a esta área da educação: a alfabetização.

Busco, portanto, neste trabalho, adensar reflexões sobre algumas suposições, como: o ser humano, mediante linguagem - elemento básico do seu desenvolvimento como ser histórico, social e cultural -, desenvolveu a escrita e a leitura, práticas culturais que revelam e registram o conhecimento humano e são necessárias para viver em uma sociedade letrada. Afinal, ler e escrever são práticas culturais que expandem enormemente os poderes do ser humano e que tornam a “sabedoria do passado analisável no presente e passível de aperfeiçoamento no



futuro" (VIGOTSKI, 2006, p.26).

Nessa compreensão, a leitura e a escrita não são concebidas como habilidades inatas e, por isso, dependem de processos de ensino e aprendizagem para se tornarem conhecimentos pessoais. Assim, o ensino no período da alfabetização deve ser conduzido de modo intencional, com vistas a organizar e levar a aprendizagem da leitura e da escrita, adequada a situações específicas no contexto das práticas culturais, possibilitando a inclusão de fato do sujeito na sociedade letrada onde vive.

Portanto, nessa perspectiva, a alfabetização é, ao mesmo tempo, uma aprendizagem do sistema de escrita e uma forma de interação contextualizada com a diversidade cultural presente na sociedade onde o sujeito está inserido. Não corresponde assim a um mero processo mecânico de decodificação de sinais gráficos sem a preocupação maior com a leitura de mundo e a compreensão do texto/contexto.

Resultados e discussões

Desse modo, a abordagem pedagógica *Alfabetizar Letrando*, tendo o texto/contexto como elemento presente desde o início da alfabetização, é a proposta que elegemos para embasar e desenvolver nossas reflexões, auxiliada pelos autores já citados. Essa opção decorre das já referidas vivências e do diálogo de compreensões iniciado, que nos levam a considerá-la como a que mais se ajusta ao ensino e à aprendizagem da leitura e da escrita, tanto de crianças como de adultos.

A proposta *Alfabetizar Letrando* tem como seu ponto central o entendimento de que a aquisição da língua escrita é algo maior que o desenvolvimento de habilidades motoras que não ultrapassam os limites da codificação/decodificação, como compreendido pelos métodos tradicionais de alfabetização: o sintético (que partem da letra, da relação letra-som, ou da sílaba, para chegar à palavra), o analítico, também chamado de global (que tem como ponto de partida unidades maiores da língua, como o conto, a oração ou a frase) e o eclético, que mistura ambos (CARVALHO,2005, p.18).

Nesses métodos, a mera leitura e a grafia das unidades menores da língua (letras, sílabas e palavras) eram o que definia a alfabetização, sem a



preocupação com o domínio do ato de ler e escrever, como exigem as atividades sociais (SÉRKEZ E MARTINS, 1996, p.7) e, também, com a compreensão do que está sendo lido.

Nessa perspectiva, a concepção *Alfabetizar Letrando* enfatiza a escrita como um sistema de signos, cuja essência se situa não mais na codificação/decodificação mecânica como no modelo tradicional, mas no significado subjacente, o qual é determinado histórica e socialmente.

Conforme Vigotsky é por intermédio dos signos que o indivíduo assimila o seu comportamento, inicialmente o exterior e depois o interior, assimilando as funções psíquicas superiores. Nesse caso, signo e sentido têm a mesma força significativa, são componentes inalienáveis da relação do homem com o mundo via discurso (BEZERRA, 2001, p. XII).

Discurso, no sentido dado por Freire como sinônimo de fala significativa, possível, necessária e indispensável de ser transformado em textos de leitura, ou seja, discurso como palavra que pronuncia o mundo.

Mais que escrever e ler que a 'asa é da ave', os alfabetizandos necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de 'escrever' a sua vida, o de 'ler' a sua realidade, o que não será possível se não tomarem a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos (FREIRE, 1984, p.16).

Dessa forma, a palavra escrita passa a ser enfocada pela sua dimensão semântica e pela sua dimensão sonora, ou seja, como uma forma de linguagem que, do ponto de vista semiótico, pode ser definida "como toda manifestação em que um significante se une a um significado, com objetivo de comunicação e interação" (MASSINI-CAGLIARI, 2001, p.12).

Em outras palavras, a linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão que surgiu da necessidade de comunicação no trabalho. Portanto, uma das principais funções da linguagem humana é a comunicativa, estabelecida com base na compreensão racional e na intenção de transmitir ideias e vivências e, por isso, que exige necessariamente um sistema de meios (VIGOTSKY, 2001, p. 11).

Paulo Freire vai mais além e complementa que a linguagem "é a expressão do conhecimento produzido pelo homem em sua relação sujeito (aquele



que conhece) *versus* objeto (aquilo que é conhecido), servindo como forma de comunicação carregada por relações de poder". E continua: "a linguagem é manifestação do pensamento que tanto pode apresentar-se de forma ingênua quanto de forma crítica" (OSOWSKI, 2008, p. 252).

A linguagem, para esses autores não, pode ser concebida somente como signo, pois, ao assumir um papel frente ao processo de percepção ou interpretação do real, ela amplia o seu significado. Ela é uma ação humana que fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento (OLIVEIRA, 1997, p.43) e que pode ser manifestada materialmente por sons, gestos, imagens, símbolos, letras, e assim por diante.

Dentro deste contexto, a relação entre um sujeito autor e um sujeito leitor acontece por intermédio do texto. Assim, ensinar ler e escrever demanda tomar o texto como unidade de sentido e como objeto de ensino e de aprendizagem, ao mesmo tempo que é mediador desse processo. Em síntese, ensinar a ler e a escrever é ensinar a ler e a produzir textos orais e escritos que permitam ao sujeito se constituir como sujeito autor e leitor no âmbito de uma sociedade letrada visando, primordialmente, à formação do ser humano, e seu objetivo é a busca de sentido.

Por isso, na concepção *Alfabetizar Letrando* a escrita é desenvolvida sempre vinculada às práticas sociais, onde a leitura e a produção de textos têm centralidade. Em outras palavras, o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento, implicou a necessidade de um trabalho com a escrita vinculado a ideias completas. Nesse sentido, somente o texto contém a unidade de sentido capaz de promover a interação entre a leitura e a escrita e, também, com o escritor e leitor.

Ensinar a ler e a escrever agregando texto/contexto é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido restrito, ao realizar reflexões críticas sobre a constituição e os condicionamentos dos contextos reais concretos.

São essas reflexões que possibilitam a "confrontação com o mundo como a fonte verdadeira do conhecimento, nas suas fases e nos seus níveis diferentes, não só entre os homens, mas também entre os seres vivos em geral" (FREIRE, 1992, p.27). Ou seja, é a problematização/reflexão que permite a inteligibilidade do objeto, por sujeitos em relação, forjando "espaços dialógicos que aproximam



educador e educando, uma vez que, no ato cognoscitivo, estarão compartilhando presença no contexto que sustenta o objeto de conhecimento e relação com signos linguísticos necessários para expressá-los”, originando textos que podem apresentar-se nos processos educativos como “elemento de comunicação do percebido e refletido, como também sob forma de objeto de admiração” (FALKEMBACH, 2008, p. 409).

Para o educador Paulo Freire, “a posição normal do homem no mundo, como ser da ação e da reflexão, é a de ‘ad-mirador’ do mundo”, ou seja, “capaz de ‘afastar-se’ do mundo para ficar nele e com ele. Somente o homem é capaz de realizar esta operação, de que resulta sua inserção crítica na realidade” (FREIRE, 1992, p.31). Portanto, essa atitude de ‘ad-mirar’ a realidade, objetivando-a como campo de ação e reflexão, possibilita descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos, buscando superar a percepção mágica da realidade ou conhecimento sensível por um conhecimento que alcance a razão da realidade. “Quanto mais alguém, por meio da ação e da reflexão, se aproxima da ‘razão’, do ‘logos’ da realidade, objetiva e desafiadora, tanto mais, introduzindo-se nela, alcançará o seu desvelamento” (FREIRE, 1992, p.33).

São esses movimentos perceptivos e/ou reflexivos ou textos, para Freire, que podem possibilitar, aos alfabetizados e alfabetizadores, principalmente jovens e adultos, um adentramento crítico de sua realidade criando condições para a recriarem. Em outras palavras, a alfabetização, do ponto de vista do educador freireano, é um ato criador que não pode ser visto como simples processo de memorização mecânica das palavras e das ‘coisas mortas ou semi-mortas’, mas um processo que se encharca de atos de criação e de recriação (FREIRE, 1983, p.41).

Como podemos observar até agora, os autores presentes neste diálogo referendam a proposta de ter o texto/contexto como elemento presente no processo de alfabetização, reforçando que o texto é o elemento principal, ou seja, o ponto de partida e de chegada do processo de alfabetização e de letramento.



Considerações finais

Diante do exposto nesta pesquisa denominada **Compreensões sobre a alfabetização**, fomos descobrindo a complexidade envolvida na expressão e na proposta *Alfabetizar Letrando*, por apresentar como integrantes do processo, elementos como o letramento, texto/contexto, a cultura, leitura de mundo, processo dialógico, prática social, significado político e ideológico da alfabetização, dentre outros.

Esses elementos ampliam a compreensão do que é alfabetização, que nos dias atuais, não pode mais ser compreendida como um processo apenas de desenvolvimento de habilidades de aquisição do sistema convencional de escrita - codificar e decodificar, desconsiderando o letramento.

Assim, a alfabetização acontece contextualizada em práticas sociais, ou seja, incorpora o letramento, dando referência à condição no mundo de quem se apropriou da leitura e da escrita e que faz uso dessas práticas sociais, no seu cotidiano. Também, o letramento é um termo que reforça a presença da cultura no processo de alfabetização, pois no momento em que a aprendizagem da leitura e da escrita se dá contextualizada com as práticas culturais da sociedade em que o sujeito vive, com os textos reais presentes na sociedade, possibilita que o educando vá se apropriando dessas práticas, resignificando-as e vivenciando-as no seu dia-a-dia, ou seja, vivenciando a sua cultura.

Em outras palavras, *Alfabetizar Letrando* possibilita aprender a ler e a escrever se tornando um cidadão funcionalmente letrado, capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente, e também, atender às demandas de uma sociedade que valoriza a linguagem escrita como uma das formas de comunicação e expressão.

Nessa compreensão, ao mesmo tempo em que a leitura e a escrita são aprendizagens que servem para registrar e perpetuar o conhecimento humano, são práticas sociais necessárias para viver em uma sociedade letrada, como é a nossa atualmente. Por elas não serem habilidades inatas, mas práticas sociais dependem de processos de ensino e aprendizagem oportunizados em situações específicas e adequados para cada período de formação humana, para se tornarem conhecimentos pessoais e sociais. Ou seja, a criança que está em processo de



alfabetização requer uma metodologia condizente com o seu ser, este que em muito escapa às nossas classificações. Por isso, o lúdico é proposto como forma de motivá-la, pois a envolve mais amplamente.

Para o alfabetizando adulto, a metodologia mais adequada provém do texto/contexto que ele está lendo, se os processos educativos estão abertos a isso, ou seja, da sua leitura de mundo.

Um dos equívocos que o alfabetizador de adultos pode cometer durante a ação de alfabetizar é padronizar os processos, usando para os adultos, os mesmos materiais e procedimentos utilizados na alfabetização de crianças, esquecendo que esse adulto tem vivência e leitura de mundo diferente do que uma criança apresenta.

E nesse sentido a influência do educador Paulo Freire acrescentou dimensões políticas ao processo de alfabetização, enfocando-a como um processo de conscientização que ensina as pessoas a perguntar 'por que as coisas são como são' e a tomar iniciativas autônomas no sentido de transformá-las, situando o aluno não mais como mero objeto, mas como alguém com capacidade de participar, ou seja, como atores e sujeitos do processo.

Embora a abordagem de Paulo Freire a princípio fosse vista como um metodologia de aquisição de alfabetização, seu impacto transferiu a alfabetização da sala de aula para a arena sociopolítica, por possibilitar a ampliação da visão de alfabetização, ao mostrar que o diferencial era a conscientização, a mobilização, a politização dos grupos sociais excluídos, a relevância da cultura nesse processo e a importância que a relação com as letras e as palavras assumia para esses educandos.

Assim, podemos dizer que a alfabetização, nessa perspectiva, proporciona ao ser humano (criança, jovem e adulto) adquirir aprendizagens de um sistema de escrita, mas também, o reconhecimento e a interação contextualizada nas práticas sociais presentes na cultura na qual o sujeito está inserido. Não corresponde somente a um processo mecânico de decodificação de sinais gráficos sem a preocupação maior com a leitura de mundo e a compreensão do texto/contexto. O mundo é o contexto da existência do homem, que ao ser lido, reescrito no processo de confrontação do ser humano em sua vivência diária, torna-se um texto. Assim, o homem é ao mesmo tempo, leitor, produtor e produto da cultura. É um sujeito



histórico, cultural, social que tem a capacidade de se expressar por diferentes modos e com diferentes linguagens. Entre essas linguagens estão a leitura e a escrita, que por serem práticas culturais devem ser apreendidas em interação com outros e dentro do mundo, de uma cultura.

Em outras palavras, vivemos e interagimos na e através de uma cultura, ou das práticas culturais que interiorizamos. Logo, a educação, como uma prática cultural situada no interior de uma cultura, não pode desconsiderar a alfabetização como um processo que possibilita o sujeito se assumir como alguém com capacidade de superar suas atitudes ingênuas diante da realidade, ampliar a sua visão de mundo para assim, participar como ator e sujeito do processo de 'fazedor de cultura'.

Do mesmo modo como a cultura é essencial para o processo de alfabetização, a leitura de mundo precedendo a leitura da palavra, o texto/contexto como agregador de processos educativos críticos, são elementos que podem levar a "criação-ação-transformação" do indivíduo, da cultura e do mundo.

Portanto, o ser humano ao ler o mundo, constrói significados próprios para essa leitura. A partir do momento em que aprende a ler a palavra, essa leitura anterior de mundo pode ser ampliada ou até modificada, pois as palavras escritas compõem discursos, que por sua vez podem possibilitar ao sujeito leitor fazer uma releitura do mundo. Por isso, reconhecemos que a alfabetização e o letramento são processos que não são neutros, trazem ideologias, que tanto podem levar o alfabetizando a assumir-se como sujeito ou a contentar-se a ser objeto de sua própria vida. Assim, a politicidade da educação se dá, por ser o sujeito humano, um ser consciente de que é histórico, de opção e decisão, um ser político.

Nesse enfoque, a proposta de Alfabetizar Letrando, por não corresponder a um processo mecânico de decodificação de sinais gráficos sem a preocupação maior com a leitura de mundo e a compreensão do texto/contexto, é uma aprendizagem do sistema de escrita contextualizada com a diversidade da cultura presente na sociedade onde o sujeito está inserido.

Assim, a alfabetização, além de constituir a base da cultura letrada, é um direito de cada pessoa que é, inclusive, assegurado pela Constituição Brasileira e



um fator imprescindível por permitir a inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho que atualmente é essencialmente letrado.

Portanto, a alfabetização e o letramento possibilitam aquisição de aprendizagens pelos indivíduos e por suas comunidades e permitem que as pessoas participem ativamente, no decorrer de toda a vida, de todo um espectro de oportunidades de aprendizados e acesso a elementos fundamentais à produção e sustentação da existência.

Nesse diálogo vários itens surgiram - leitura e escrita como práticas culturais, a educação como uma dimensão da cultura e da política, texto/contexto, letramento, processos de ensino e aprendizagem - nos levando a presumir que a proposta *Alfabetizar Letrando* é a que mais proporciona elementos para a continuidade do processo de alfabetização, demonstrando que o sujeito que aprendeu a ler e a escrever, conquistou um direito que lhe permite ampliar seus conhecimentos, ou seja, sair da fase da alfabetização para ir à pós-alfabetização.



Referências

BERTHOFF, An E. In. FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

BEZERRA, Paulo. In. VIGOTSKI, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem.** 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORGES, Liana da Silva. O conceito de alfabetização no Brasil e no mundo. In. FARIA, Dóris Santos de (Org.) **Alfabetização: práticas e reflexões;** subsídios para o alfabetizador. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

_____. Alfabetização. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística.** 10 ed. São Paulo: Scipione, 2003. (Pensamento e Ação no Magistério).

_____. **Alfabetizando sem o ba-bé-bi-bó-bu.** 1.ed. São Paulo: Scipione, 1998. (Pensamento e Ação no Magistério).

CALKINS, Lucy; HARTAMAN, Amanda; WHITE, Zoë. **Crianças produtoras de texto: a arte de interagir em sala de aula.** Tradução: Gisele Klein. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática.** 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Texto/Contexto. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Com todas as letras.** 14 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. In. **Alfabetização e letramento: como negar nossa história.** Disponível em: http://www.paulofreire.org/twiki/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0004/Alfab_Le_ tramento_2005.pdf. Acessado dia 14 jan. 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos.** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam.** 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

_____. **Educação como prática de liberdade.** 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,



1992.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 34 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006b.

_____. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006c.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 41.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** Ana Maria Araújo Freire, organizadora. São Paulo: Unesp, 2001.

_____. **Política e educação:** ensaios. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Questões da Nossa Época; v.23).

_____. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização:** leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GIROUX, Henry A. Alfabetização e a pedagogia do empowerment político. In. FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização:** leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GONTIJO, Cláudia M. M. **Alfabetização:** a criança e a linguagem escrita. Campinas: Autores Associados, 2003.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola:** o real, o possível e o necessário. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Caminhos da Lingüística).

LURIA, A.R. "Vigotsky". In. VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 10.ed. São Paulo: Ícone, 1988.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **O texto na alfabetização:** coesão e coerência. Campinas: Mercado de Letras, 2001. (Coleção Idéias sobre Linguagem).

MISIASZEK, Greg William; TORRES, Carlos Alberto. Ideologia. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MORTATTI, Maria Rosário. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me03178a.pdf>. Acessado dia 7 nov. 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vigotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo. Scipione, 1997.

OSOWSKI, Cecília Irene. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotsky, uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In. STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SÉRKEZ, Angela Maria Batista; MARTINS, Sandra Mara Bozza. **Trabalhando com a Palavra Viva: sistematização da Língua Portuguesa através do texto**. Curitiba: Renascer, 1996.

SILVA, Ezequiel Teodoro da (Org.) **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Revista Presença Pedagógica**, v.9 n.52. Jul./ago. 2003.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. 6.reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Alfabetização: acesso a um código ou acesso à leitura?** Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/biblioteca_derrubada.htm. Acessado dia 13 set. 2005.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VIGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10.ed. São Paulo: Ícone, 2006.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.